

Fórum Valorização e Promoção do Património Regional

Dando continuidade aos Encontros que a ACDR de Freixo de Numão e o Parque Arqueológico do Vale do Côa têm vindo a organizar no âmbito do património arqueológico e sua valorização, em 2007 realizou-se o Fórum Valorização e Promoção do Património Regional. O Fórum decorreu nos dias 28, 29 e 30 de Junho nos concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, integrando quatro sessões coordenadas por diversos investigadores:

Sessões 1 e 2

Duas linhas de investigação regional: estudos cerâmicos e estudos judaicos:

sessão 1. Estudos cerâmicos

Figueira de Castelo Rodrigo, 28 de Junho (manhã)

sessão 2. Estudos judaicos

Pinhel, 28 de Junho (tarde)

Sessão 3

Panorama da investigação regional

Vila Nova de Foz Côa, 29 de Junho

Sessão 4

Arqueologia Experimental

Meda, 30 de Junho

Decorreu uma mesa-redonda no Museu D. Diogo de Sousa em Braga, ainda no âmbito deste Fórum, dedicada ao tema *Sítios Arqueológicos e Visitantes*.

As Câmaras Municipais de Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa apoiaram o Fórum e viabilizaram a edição destas actas. Deixamos expresso o nosso reconhecimento, em nome da organização e de todos os investigadores que tiveram a oportunidade de nele participar.

A realização regular destes Encontros e a publicação atempada das suas actas, contribuem seguramente para que a investigação se mantenha dinâmica nesta região. Todos continuaremos a colaborar, entidades e investigadores, para que os conhecimentos sobre o património se aprofundem e a sua valorização se torne uma realidade cada dia mais presente.

A Organização do Congresso

ACDR PAVC

entidades organizadoras do congresso:



edição das actas:



entidades financiadoras da edição:



Fórum Valorização e Promoção do Património Regional

actas das sessões

volume 1

Cerâmicas no Quotidiano

Estudos sobre Cerâmicas Arqueológicas e Etnográficas

volume 2

Investigar e Valorizar o Património

Estudos Judaicos

Sítios Arqueológicos e Visitantes

volume 3

Do Paleolítico à Contemporaneidade

Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes, Alto Douro e Beira Interior

volume 4

Arqueologia Experimental

Recriações do passado em ritmos do nosso tempo

Os trabalhos que se publicam neste volume integram a IV sessão do FÓRUM “Valorização e Promoção do Património Regional”. Foram apresentadas oito comunicações sobre o tema da Arqueologia experimental e suas aplicações, procurando-se discutir desenvolvimentos, potencialidades e limites. Sendo certo que Portugal não beneficia de tradição neste campo, parece ser o momento oportuno para reflectir sobre as questões levantadas pelas primeiras experiências, bem como as possíveis interfaces entre a ciência e o público.

entidades organizadoras do congresso:



edição das actas:



entidades financiadoras da edição:



Arqueologia Experimental

Recriações do passado em ritmos do nosso tempo

volume 4



Fórum Valorização e Promoção do Património Regional
actas das sessões

Arqueologia Experimental

Recriações do passado em ritmos do nosso tempo

volume 4

Índice

4	prefácio
6	introdução Arqueologia experimental: investigação, formação e divulgação Jorge Sampaio, Thierry Aubry
10	acta 01 Testar e Recriar em Arqueologia: balanço e perspectivas Jorge Davide Sampaio e Thierry Aubry
22	acta 02 Dos dados arqueológicos ao grande público: o exemplo do vale do Côa Jorge Davide Sampaio e Thierry Aubry
34	acta 03 A Traceologia : Gestos do passado pela objectiva do microscópio Marina de Araújo Igreja
46	acta 04 Del experimento a la experiencia. Los talleres de tecnologías prehistóricas en el museo de altamira José A. García Munúa
54	acta 05 Projecto Andakatu: Didáctica da Pré-História através da Experimentação Marina de Araújo Igreja Sara Cura, Pedro Cura e Luiz Oosterbeek
60	acta 06 Alcalar: "Um dia na pré-história": experimentalismo e público José Gameiro e Isabel Soares
66	acta 07 Clã de Carenque: Da animação interactiva à experimentação em Arqueologia, linhas evolutivas de um projecto pedagógico Eduardo Rocha e Nuno Neto
76	acta 08 A Oficina de Arqueologia Experimental do Parque Arqueológico do vale do Côa Delfina Bazaréu

ficha técnica

Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Título

Actas do Forum Valorização e Promoção do Património Regional

Coordenação do Congresso

??????

Coordenação Editorial das Actas

????????

Coordenação Científica da Sessão

??????

Coordenação da Publicação

Miguel Rodrigues e Paulo Dordio

Autores

Revisão de Textos

?????

Design

Gina Ferreira

Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

?????

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-4-1

Depósito Legal

??????

Tiragem

1000 Exemplares

Testar e Recriar em Arqueologia: Balanço e Perspectivas

Jorge Davide Sampaio e Thierry Aubry

(IGESPAR, I.P. / Parque Arqueológico do Vale do Côa)

“The reckless planning and execution of some archaeological experiments has caused the method to be somewhat ignored in scientific circles. Some scholars even say, that experimental research is unscientific, no matter what you do. One reason for this can be the great popularity of experimental research. It should be noted, that all replication of artifacts or handicrafts are not actually ‘experimental archaeology’. Experimental archaeology is a research method, which requires a clear starting point (a research question), objective criticism, knowledge of archaeological source materials, knowledge of tradition or technology, and finally, publication and application in the scientific field.”
Coles, J. 1979. *Experimental archaeology*. London.

Breve retrospectiva e aplicações metodológicas

Passou pouco mais de um século sobre as primeiras experiências cientificamente conduzidas em Inglaterra pelo arqueólogo Spurrell (SPURRELL, 1884:119), numa altura em que vários outros investigadores apenas tentavam duplicar objectos antigos encontrados no solo (CALLAHAN, 1999:4). Mas também curiosos, antiquários e etnólogos realizam, à altura, trabalhos sobre matérias-primas, técnicas de produção de utensílios e respectivas formas de utilização. De uma forma generalizada surgem artesãos capazes de talhar tão bem uma ferramenta ao ponto de confundirem os próprios investigadores da época (Cit em MAYOR, 2003:31), como aconteceu com o famoso “Flint Jack”, que talhava com recurso a percutores metálicos. Porém, a par deste entusiástico e algo anárquico “movimento”, um investigador como Spurrell, viria a levar a cabo uma série de testes padrão com carácter científico e não apenas replicativo, a partir de remontagens de pedras talhadas com o objectivo de tentar perceber de que forma determinados utensílios teriam sido produzidos a partir de núcleos preparados.

Desde o final do século XIX as experiências tendem a ocorrer com carácter regular em ambos os continentes, merecendo novos desenvolvimentos metodológicos somente depois da segunda guerra mundial. Passam a construir-se programas de desenvolvimento experimental interdisciplinares, tendo a escola escandinava lançado as bases da Arqueologia experimental moderna.

Já a partir da segunda metade do século passado verifica-se novo incremento, ainda que muito colado às problemáticas relacionadas com as indústrias de pedra lascada paleolíticas¹. Refira-se, a título de exemplo, os trabalhos de François Bordes ou de Donald Crabtree, certamente os grandes revolucionários dos estudos experimentais sobre pedra talhada (BORDES e CRABTREE, 1969). Estes investigadores desenvolveram em conjunto os primeiros trabalhos de talhe experimental de pedra com o objectivo de mostrar à comunidade científica a sua importância para o conhecimento dos processos de produção de ferramentas utilizadas no Paleolítico (CALLAHAN, 1999:4). Um outro exemplo, que ainda hoje merece destaque pela escala temporal que cumpre (e pretende cumprir), bem como pelo carácter interdisciplinar que o caracteriza (registos ao nível da vegetação, micromorfologia, química do solo, sementes, pólenes, ossos, madeiras, matérias têxteis, microbiologia, entre outros) é a experimentação feita sobre um terraço e fosso associado, levada a cabo em Overton Down, no Sul de Inglaterra em 1960 (RENFREW e BAHN, 1991:47; BELL, 1996: 1-259). Trata-se de uma experimentação cujas origens remontam à reunião comemorativa do centenário de Charles Darwin (1958) ocorrida na Associação Britânica para o Avanço da Ciência, que proporcionou a criação de um comité para investigar os processos pós-deposicionais observados a longo prazo em sítios arqueológicos. Por se tratar de uma experimentação programada e cujos resultados só podem ser obtidos num período de tempo alargado, prevê-se que as etapas de monitorização só terminem no ano 2088! A última foi levada a cabo em 1992 e a próxima será em 2024. Outros projectos experimentais de médio/longo alcance foram postos em curso, com o objectivo de avaliar as transformações pós-deposicionais que podem ocorrer em sítios arqueológicos (entre outros, refira-se ASCHER, 1970; BARTON, BERGMAN, 1982). Numa perspectiva mais formativa, refira-se a construção de uma réplica em escala reduzida de um sítio arqueológico em Santa Bárbara, levada a cabo nos anos 60 pela Universidade da Califórnia, com o objectivo de por em contacto estudantes com os vários problemas metodológicos decorrentes de trabalhos arqueológicos de uma forma controlada (CHILCOTT e DEETZ, 1964: 328-337).

¹ Parece cada vez mais sólida a ideia de que as experimentações podem fornecer dados importantes e em muitos casos impossíveis de se obter por métodos tradicionais de pesquisa, nomeadamente os de análise de sistemas tecnológicos (SARAYDAR e SHIMADA, 1973: 344-350).

Ainda nesta década um outro projecto conduzido pelo arqueólogo dinamarquês Hans-Ole Hansen viria a ultrapassar as barreiras do segmento meramente experimental. A partir das experiências relacionadas com a reconstituição de uma casa neolítica lançou as bases para a criação daquele que ainda hoje é considerado caso exemplar no seio da Arqueologia experimental à escala mundial: o Ljere Research Center². O nível de popularidade que este Centro veio a revelar repercutiu-se já que a partir desta data surgiram, de forma copiosa, sobretudo na Europa³, projectos similares, dos quais destacamos a “Butser Ancient Farm” em Hampshire (Inglaterra) fundada em 1972, voltada essencialmente para os aspectos agrícolas e a aldeia anglo-saxónica “Weat Stow” em Suffolk (Inglaterra) fundada no ano seguinte.

² Numa área de 43 hectares compreendida por montanhas, bosques, lagos e prados, este centro de investigação em Arqueologia experimental funciona desde 1964, levando a cabo actividades distintas para públicos diferenciados associadas a reconstituições de aldeias pré-históricas, da idade do ferro e vikings, uma quinta do século XIX e uma paisagem histórica transformada pela agricultura, bem como num vasto número de workshops de campo e de laboratório. As receitas são canalizadas para acções de investigação, sensibilização e educação sobre o passado humano.

³ Referência para o projecto de investigação “Chantier Médiéval de Guédelon” (<http://www.guedelon.fr/>) levado a cabo na região da Borgonha (França) desde 1996. Trata-se da construção de um castelo medieval que tem como particular intenção a experimentação dos recursos materiais e técnicas de trabalho, desde a extracção da madeira e pedra até ao seu tratamento e posterior aplicação na obra. O estaleiro é composto por várias dezenas de operários, esperando-se que ao cabo de cerca de 25 anos de trabalho tenham terminado a sua construção. Numa perspectiva mais descomprometida, projectos como o “Middelaldercentret” (<http://www.middelaldercentret.dk/>) criado em torno de uma aldeia medieval na Dinamarca, o Museu Viking em Borg (http://www.lofotr.no/Engelsk/en_index.html), no Norte da Noruega, entre muitos outros, caracterizam-se mais pelo aspecto demonstrativo e lúdico do que propriamente pela investigação experimental.

⁴ Por outro lado, começa a verifica-se uma maior sistematização dos trabalhos experimentais, nomeadamente os relacionados com indústrias líticas do Paleolítico. Tais mudanças, neste caso concreto, permitiram fasear três áreas principais de estudo: a replicação dos processos de produção de determinada ferramenta, bem como o estudo dos produtos de debitação resultantes; as experimentações funcionais, que consistem na utilização das ferramentas de forma a testar hipóteses e, por outro lado, elaborar um referencial analítico; por último, os estudos tafonómicos, que consistem na “construção” de sítios onde se reproduzem situações semelhantes às encontradas nos contextos originais, de forma a estudar situações de conservação dos restos em escalas de tempo obviamente largas. A título de exemplo, refira-se as experiências levadas a cabo no sentido de se verificar o potencial de conservação de resíduos orgânicos em elementos líticos (CATTANEO, et al., 1993:29-43).

Numa tentativa de uniformizar os projectos experimentais e recreativos levados a cabo no âmbito dos museus ditos de “ar livre” na Europa, foi criada muito recentemente a “European Network of Archaeological Open Air Museums” (EXARC). Em 2002 surge na Alemanha uma outra associação “European Association for the Advancement of Archaeology by Experiment” (EXAR), que tem como objectivos principais a promoção dos trabalhos na Arqueologia experimental, o incentivo dos contactos entre instituições culturais e académicas, por um lado, e o público, por outro. Apesar de comportarem objectivos distintos, ambas as associações pretendem de uma forma geral estabelecer padrões de investigação científica e apresentação pública, estabelecendo intercâmbios de carácter internacional. The idea of international exchange of knowledge, human resources, publications and facsimiles is to improve the quality of work for all associated members. It is not our intention to exclude anyone who does not meet our high standards concerning the quality of museums work. We rather want to encourage and incorporate other institutions conducting Experimental Archaeology and help them to a higher level.

Estes e muitos outros exemplos abriram caminho para uma maior sensibilização da via experimental na Arqueologia. De uma forma geral as experimentações começaram a ganhar uma dimensão mais séria ao ponto de, a partir dos anos 70, começarem a integrar cursos, trabalhos de campo e projectos universitários (CALLAHAN, 1999:4)⁴. Os aspectos práticos levados a cabo essencialmente no continente europeu, para além do talhe experimental, começam a ser orientados para o problema da conservação dos materiais ou estruturas arqueológicas, como naquele caso a que já nos referimos.

Apesar das limitações com que se encara o estudo da Pré-História terem vindo a proporcionar uma maior intervenção da prática experimental, a Arqueologia experimental é, ainda, caracterizada por uma certa marginalidade quando comparada com outros domínios complementares da Arqueologia, que têm paulatinamente cumprido uma feliz autonomia e, em simultâneo, uma saudável convivência. Portugal não beneficia de qualquer tradição em relação a este tema, ao passo que países como França, Inglaterra, Holanda, Dinamarca, bem como de uma forma geral todo o continente Americano, apostaram desde muito cedo na aplicação das experimentações a questões muito distintas, ainda que na sua origem, estreitamente ligados às indústrias líticas.

Desde a famosa viagem de Thor Heyerdahl, levada a cabo na balsa designada Kon-Tiki em 1947 entre o Peru e a Polinésia (HEVERDAHL, 1959) até aos trabalhos de Francois Bordes ou de Don Crabtree, nada encontramos de semelhante, nem nos objectivos imediatos, nem nas metodologias empregues ou mesmo no mediatismo. Porém, as motivações foram as mesmas e essas sim, constituem a base para se levar a cabo a tarefa à partida pouco facilitada mas simultaneamente interessante que é tentar perceber os lugares e as materialidades que as caracterizam, contribuindo para o termo de certas teorias obsoletas ou, pelo menos, para aclarar questões que, por inércia, foram conformando determinadas conjecturas em asseverações sem, contudo, se terem testado pela via experimental os pressupostos que as determinaram.

Por outro lado, este é, de uma forma geral, um tema que por tradição se define como sendo eminentemente prático e algo empírico nas suas mais variadas opções metodológicas. Tais opções, na forma de actuar mediante uma situação experimental, não têm reunido consensos, nem têm, por vezes, sortido os efeitos desejados. Ironicamente, sendo a aplicação do método experimental tão antiga (pelo menos desde Galileu, beneficiando de grande incremento, ainda que em aspectos distintos mas complementares, com Bacon, Descartes e Newton), as propostas e os paradigmas reformuladores que

ao longo do tempo foram produzidos pouco têm contribuído para uma aplicação mais assertiva deste domínio à Arqueologia. A sua definição como ciência parece estar comprometida com a própria dificuldade de caracterização (OUTRAM, 2008). Coles, um dos nomes mais sonantes da Arqueologia experimental, admite que a Arqueologia experimental se reveste de significados muito diferentes, propondo, ele próprio e em mais do que uma ocasião (nomeadamente as 8 regras, que define essencialmente numa base crítica), conjuntos de diferentes normas passíveis de mitigar os erros antes, durante e depois das experimentações (Coles 1979: 46-48). De forma muito sucinta caracteriza a Arqueologia experimental como pretendendo estudar as acções e as tecnologias do passado humano com base num rigoroso controlo de condições, e cujo resultado é, sempre, a reconstrução, de forma a reproduzir as circunstâncias em que os mesmos se degradam (Coles, 1979)⁵, acentuando ainda a necessidade de teorias orientadoras de base. Esta definição continua ainda hoje actualizada apesar de subseqüentemente terem sido apresentadas outras formas de encarar este domínio e que acabaram por abrir caminho para novas abordagens metodológicas. Nesta esteira, alguns autores têm defendido que a contrastação e reinterpretação dos registos levados a cabo com base nos elementos obtidos a partir dos modelos experimentais devem ser pensados num quadro muito mais abrangente e integrador. Este necessário vínculo diz respeito a todo um conjunto de relações de complexidade diferenciada em que os quadros económico-funcionais, sociais e ideológicos permitiriam um salto qualitativo na dimensão interpretativa numa determinada situação experimental (PREYSLER, 1999). Mas, apesar desta e de outras propostas se sucederem, denotando uma nítida preocupação na tentativa de sistematizar as suas linhas orientadoras⁶, tal diversidade de opções metodológicas parece, mesmo assim, não retirar a Arqueologia experimental da marginalidade. Parece que este domínio padece de desigualdades circunstanciais que se repetem ciclicamente e que têm muito a ver os estímulos, quer ao nível das questões metodológicas dos meios universitários, quer com os próprios modelos tendenciais da investigação.

Experimentação e subjectividade

“Basta falarmos num objecto para parecermos objectivos. Mas, pela nossa primeira preferência, é mais o objecto que nos escolhe do que nós a ele, e aquilo que consideramos os nossos pensamentos fundamentais sobre o mundo são, muitas vezes, confidências sobre a juventude do nosso espírito. Por vezes, ficamos deslumbrados perante um objecto eleito; acumulamos as hipóteses e os sonhos; formamos assim convicções que possuem a aparência de um saber. Mas a fonte inicial é impura: a evidência primária não é uma verdade fundamental. A objectividade científica só é possível depois de termos rompido com o objecto imediato, de termos recusado a sedução da primeira escolha, de termos parado e contradito os pensamentos que nascem da primeira observação. Toda a objectividade, devidamente verificada, desmente o primeiro contacto com o objecto. Tem de começar por criticar tudo: a sensação, o senso comum, até a prática mais constante e a própria etimologia, porque o verbo, que é feito para cantar e seduzir, raramente vai de encontro ao pensamento. Em vez de se deslumbrar, o pensamento objectivo deve ironizar. Sem esta vigilância desconfiada, nunca alcançaremos uma atitude verdadeiramente objectiva”

Gaston Bachelard

A psicanálise do fogo. São Paulo, 1994

“O arqueólogo não é um intelectual livresco; é um ser humano teórico-prático, que interroga a realidade material e sobre ela procura constantemente formular modelos interpretativos mais coerentes. Não é portanto, também, um empirista redutor, que se limita a recolher, classificar, arrumar objectos ou outras materialidades - ele produz sentidos, cria história, amplia memória.”

Vitor Oliveira Jorge

Fecundidade de uma perspectiva pragmática “inquietante” (no sentido de Boaventura Sousa Santos) em Arqueologia, 2000, p. 149

⁵ Segundo este investigador a reconstrução pode consistir, por exemplo, em variadas etapas desde o processo de fabrico de um artefacto, até ao processo de formação de sítios arqueológicos. Mas ela é essencialmente uma ferramenta usada para testar hipóteses arqueológicas.

⁶ Veja-se, entre outros, COLES, 1973; COLES e DARRAH, 1977; COLES e ORME, 1977; CLOUGH e CUMMINS, 1979; e ASCHER, 1961.

“Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exacto momento, forçosamente deixaríamos de compreender a nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido”.

Walter Benjamin

Rua de sentido único e infância em Berlim por volta de 1900, 1995, p. 1-201

Em relação a um tema tão amplo do ponto de vista teórico/filosófico como é o da procura de objectividade na interpretação arqueológica, o domínio que temos vindo a tratar não representa certamente a solução, ou pelo menos a única, na avaliação de determinadas propriedades. O conhecimento objectivo da realidade tem sido abordado por alguns arqueólogos experimentalistas (MAYOR, 2003:3; MARCH, 1996), referindo este primeiro que a realidade é infinita e que, por isso, não chegamos a conhecê-la completamente. Mayor, por seu turno, defende que não há tantas realidades como indivíduos, sendo certo que cada indivíduo a percebe de maneira diferente. Por isso, defende, é importante explicar a metodologia dos trabalhos levados a cabo para que os resultados possam ser compreendidos e avaliados por todos.

O experimentador pertence a um universo cultural distinto dos que fizeram parte do passado, não sendo, por isso, possível reproduzir mentalidades e espiritualidades passadas⁷. Não obstante esta impraticabilidade inerente, este domínio nunca se propôs a leituras filosóficas ou epistemológicas. Esta marginalidade é antes de mais uma vontade ou crença numa falsa ideia: a de que a partir da experimentação é possível, de certa forma, dominar ou abrir uma porta mais íntima e mais segura do conhecimento do passado. As falsas expectativas criadas *à priori* levam o experimentador a acreditar em resultados fáceis, quando na maior parte das vezes os problemas (por razões de vária ordem) apenas são resolvidos em parte e raramente se regressa à mesma experiência tentando perceber o que falhou e em que circunstâncias se poderia repetir de forma a tentar obter resultados mais afinados.

De uma forma geral, em contexto cronológicos e geográficos distintos, a Arqueologia experimental tem operado situações interessantes que resultam em reconstituições mais ou menos espectaculares. Mas nem todas são feitas com base em ensaios rigorosos. Em Portugal, por exemplo, tem-se assistido a um crescente número de reconstituições, associadas a projectos culturais de animação ou a museus, as quais nem sempre primam pelo rigor técnico e funcional nas narrativas utilizadas. Sabemos que recriar aspectos materiais de quotidianos passados é tarefa difícil pois, como se não bastasse o carácter fragmentário da informação que os objectos nos transmitem, ainda acresce o facto de sermos influenciados por percepções e por normas culturais contemporâneas (STONE, et al., 1999). Por isso, até que ponto estaremos a produzir inverdades? Estaremos a contar outras histórias? Estaremos a contar a nossa própria história? Reflectir-se-á a nossa personalidade na forma como a interpretamos a partir da leitura dos objectos? Partindo do princípio que há em cada pessoa uma forma distinta de intervir, de escavar, de registar, de escrever, de interpretar ou de reconstruir o que nos é dado a conhecer, não padecerá a forma como procuramos descortinar o passado e, concomitantemente, o divulgarmos, de um carácter autobiográfico? Como defende Vítor Oliveira Jorge “os objectos não são espelhos de uma realidade, nem entre eles e a realidade há uma relação biunívoca. Há sim uma relação equívoca ou de ambiguidade: os objectos servem para produzir realidades que, em muitos casos, são da ordem do desejo ou da malícia, servindo precisamente para encobrir a realidade, para serem um ecrã dela” (JORGE, 2003: p. 29). Gaston Bachelard, na sua vasta obra filosófica aborda de uma forma geral estas questões, referindo-se, em particular, às influências determinantes numa investigação, referindo que tanto as questões formuladas pelo investigador, bem como as respostas que tenta concretizar e todo o processo de construção e desconstrução de conceitos, não se desvincula inteiramente, “por mais que se esforce, de todas as suas crenças, preconceitos, imagens e hábitos mentais” (2004).

A condução metodológica de uma experimentação estará sempre condicionada pela observação e registo de um fenómeno, mas também pelo significado ou explicação que voluntária ou involuntariamente, lhe queiramos atribuir. Este último factor contribui certamente para a ideia de que a construção teórica, partindo do zero, possa não passar

⁷ Alguns autores referem-se à Arqueologia experimental como sendo uma “oportunidade única para entrar na mente dos nossos antepassados” (MILLSON, 2008). Porém, as falsas expectativas criadas por alguns investigadores apenas contribuem para um (ainda) maior distanciamento dos verdadeiros objectivos e limitações deste domínio.

⁸ Ao longo dos últimos 25 anos têm vindo a produzir uma vasta literatura reflexiva (sob alguma tensão) sobre temas como a interacção entre os pressupostos da subjectividade humana e os ideais de objectividade na representação textual e visual dos dados arqueológicos (EDWARDS, s.d.).

de um mito! Entre as variadíssimas questões que poderão contribuir para o sucesso ou insucesso de uma experimentação, contribuirá sempre a maior ou menor capacidade interpretativa do experimentador. Sem querer esmiuçar esta questão, até porque ela tem sido alvo de intensos e interessantes debates⁹, achamos que a opção não deve passar pela não apresentação destes projectos ao grande público, antes pelo contrário. A questão que se coloca é a do rigor com que se apresentam artefactos e factos (ou acções, gestos...), e de uma dose de humildade e auto-crítica na forma como os difundimos (seja em publicações, comunicações, exposições ou reconstituições).

Como se, dominados por um estranho automatismo, conseguíssemos deslindar algo que já passou, que já não está cá. Os artefactos estão à nossa mercê, desenterramo-los, atribuímos-lhe uma função e um nome. Mas eles não nos dizem tudo. A sua ligação ao indivíduo está fatalmente perdida e, talvez por isso, tentamos ir mais além, resgatar os factos. Talvez seja esta uma forma de darmos significados aos objectos, de melhor os compreendermos e, de certa forma, de os subjugarmos, elevando a nossa auto-estima em relação ao sentimento de perda pelo que ficou retido no passado. Mas como não conhecemos sequer os portadores de tais artefactos e factos, o sentimento de perda é maior ainda porque não os retemos na memória, não nos lembramos deles porque nunca os vimos. Procuramo-los incessantemente mesmo sabendo que não estão ao nosso alcance, causando-nos, por isso um certo desconforto. Mais do que um “luto pesado” é um fardo aborrecido. Aborrecido porque nos persegue: a cada caco, a cada pedra, a cada estrutura que encontramos, somos de súbito assaltados por um turbilhão de perguntas e começa a arquitectar-se no nosso pensamento algo que vai para além da sua identificação imediata (ou não), algo que queremos que obtenha consenso na sua significância, que nos conte uma história, que nos sacie a sede de querer saber mais, de conhecer e dessa forma acabar com a condição de “luto”.

Esta ânsia de querer perceber o passado, de resgatar memórias e identidades e de as conservar é, antes de mais, e como defende Marc Guillaume, um acto simbólico a que subjaz um imenso “trabalho de luto”. Este até pode ser levado a bom termo, mas a nostalgia permanecerá. Nas palavras do mesmo autor tal nostalgia é o “charme agridoce do passado, que é a própria armadilha do tempo” (GUILLAUME, 2003: 74-75).

O acto de experimentar em Arqueologia, apesar de inicialmente ter sido orientado apenas no sentido de replicar objectos arqueológicos, é actualmente (e desde, pelo menos, a década de sessenta do século passado) um importante mediador entre o objecto, a estrutura ou um qualquer resto material conservado desde um passado mais ou menos distante e a sua aplicabilidade, integrando sempre que necessário outros domínios complementares dependendo, claro, do grau operacional que se quer imprimir ao trabalho. Recentemente a Arqueologia Pós-Processualista tem vindo a colocar questões e a sugerir interpretações muito interessantes do ponto de vista das possibilidades de se poder produzir história a partir da complexificação material (“material entanglement”) (a título de exemplo leia-se: LUCAS, 2006: 25-36). Contudo, e este é o grande constrangimento de qualquer investigador, a interpretação de um objecto e a concomitante criação de imagens do passado esbarra com o domínio psicológico e com a percepção que cada investigador abarca sobre o objecto em estudo. Ian Russel (RUSSEL, 2006: 72) questiona-se a este propósito sobre até que ponto é que a nossa forma de organizar o edifício das percepções e da atribuição de sentidos através dos métodos científicos não se limita simplesmente a construir sistemas de dicotomias, de dualidades e paradigmas modernos.

⁹ Fizeram parte do projecto a Academia Britânica, Universidade de Buffalo, Departamento de Arqueologia da Universidade de Cambridge e Museu Cincinnati.

¹⁰ Veja-se, a título de exemplo, MITHEN, 2005; MILLER, 2000.

¹¹ Sobre este tema refira-se os seguintes autores: BLADES, 2001: 1-259; BROWN, 2000: 271-300; CROSS, 1999: 31-46; DAMS, 1985: 10-39; D'ERRICO et al., 1997: 389-410; DISSANAYAKE, 2000: 1-31; FRAYER, et al., 2000: 234-268; KUNEJ, et al., 2000: 217-234; ZUBROW, et al., 2002: 25-34; ZUBROW, et al. 2001: 111-126)

Numa outra perspectiva projectos há em que este carácter subjectivo é desde logo assumido. Por exemplo, o arrojado projecto experimental *Lithoacoustics Music in Stone*⁹ (ZUBROW, e tal., 2002: 24-34). Apesar de ser praticamente marginal no seio da Arqueologia experimental (se o compararmos com os estudos levados a cabo sobre, por exemplo, indústria lítica, metalurgia ou cerâmicas), mas consideravelmente bem estudado ao nível cognitivo¹⁰, tem reunido algumas atenções tendentes à sua melhor caracterização e enquadramento¹¹. Em relação a este tema Zubrow analisou a relação entre a música pré-histórica e a evolução humana, numa perspectiva cognitiva, bem como em relação à natureza das evidências para os comportamentos musicais no registo arqueológico, admitindo que a música enquanto fenómeno cultural durante a Pré-história, pouco ou nada poderá revelar. Já numa perspectiva não-cognitiva, a música é certamente material, pois os contextos existem. Este projecto de litoacústica explora, por isso, a possibilidade de ferramentas fabricada em pedras (lâminas de sílex provenientes

de sítios aurignacenses) terem sido utilizadas para produção de sons. De facto, as análises preliminares evidenciaram uma relação entre os padrões do tipo e localização das marcas de impacto e de desgaste e as propriedades acústicas dos objectos. Contudo, este projecto carece de reforço através de estudos similares e essencialmente da confirmação dos dados experimentais com base em contextos concretos. Até esta fase esta é, apesar da originalidade, tão-só uma experiência cujos resultados apenas pretenderam atingir a atribuição funcional dos artefactos. Ao contrário das experimentações levadas a cabo sobre, por exemplo, estruturas de combustão ou talhe de pedra, em que na maior parte dos casos é possível reconstituir os processos desde a recolha das matérias-primas, passando pela utilização, até ao abandono, a música, como muitos outros temas, ultrapassam esta barreira técnico/funcional, entrando em questões comportamentais concretas de índole cognitivo, que de um modo geral remetem para facetas imateriais da cultura de um indivíduo ou de um grupo.

A Arqueologia experimental tem permitido questionar e criticar as «fontes» (os objectos, as estruturas...), via pela qual se têm vindo a compreender muitas facetas dos quotidianos passados. Claro que a acuidade na aplicação dos métodos, desde a responsabilidade na formulação das hipóteses, à correcta leitura dos resultados, é muito importante para que um projecto seja bem sucedido. Os dados, apesar de não responderem por si às certezas que desejaríamos, poderão ajudar a abrir portas para um melhor entendimento do passado.

Os riscos da vulgarização na “apresentação do passado”

Parece ser certo que o passado e as memórias que o corporizam são, mais do que nunca, um produto comercializável. A sociedade contemporânea consome-o espontaneamente, facto promovido essencialmente pelas transformações tecnológicas e os novos paradigmas de consumo. De uma forma geral a globalização e a sociedade de informação são os grandes promotores de uma certa musealização ou “arquivamento da vida”, surgindo paulatinamente um “olhar museológico” com definições interessantes para novas formas de preservação de memórias (SAMPAIO, n.p.).

As transformações ocorridas no seio da Arqueologia desde, pelo menos, as últimas décadas do século passado, permitiram avanços extremamente positivos, quer ao nível da investigação, quer da conservação e divulgação. A Arqueologia experimental tem vindo a acompanhar tais transformações, mas a um ritmo claramente desigual e metodologicamente diferente. Não obstante, e apesar de actualmente ainda se caracterizar por muitas desigualdades, assiste-se a uma procura quase descomedida de programas temáticos experimentais, quer em contexto museológico, quer arqueológico ou mesmo de ensino. A generalização desta procura enquadra-se no crescente “turismo cultural”, mais dinâmico e complexo, o qual parece também padecer de uma certa politização, à qual subjaz, em última instância, o carácter identitário de um país, de uma região, de um lugar.

O passado ultrapassou os meios clássicos de ensino e de divulgação. As publicações já não são suficientes, tal como os congressos, as reuniões científicas, etc. Os museus saíram para a rua. Mostram o passado de perspectivas tendencialmente mais atraentes: as reconstituições, as interações com o público, os *workshops*, os mini-cursos, fóruns de discussão, etc. As reconstituições, por exemplo, são levadas a cabo com grande entusiasmo por envolverem uma interessante combinação interpretativa baseada em evidências, mas também na idealização, arte e performance. O passado é mostrado de uma forma cativante e envolvente, com dimensão, cheiro e acção. Porém, neste contexto, Arqueologia experimental e recriação arqueológica/histórica apresentam-se não raras vezes diluídas. São um “show” produzido para massas, e por vezes com um objectivo comercial. As demonstrações extravasaram as paredes dos museus. Levam-se a cabo também na rua, na televisão, nas escolas, nos centros comerciais, etc. Cumprir-se-á, é certo, uma melhor e mais eficaz divulgação dos variadíssimos aspectos quotidianos do passado humano. Mas, até que ponto a vulgarização do acesso ao um passado encenado e fácil de assimilar nestes moldes (desenfreados e cada vez mais vendáveis) aumentará as possibilidades de uma descaracterização?

¹² Por exemplo, os documentários da BBC (“Building the Impossible”) ou Discovery Channel’s (“Secrets of Lost Empires”).

Numa outra perspectiva, sendo a Arqueologia experimental o lado mais popular e estimulante da pesquisa arqueológica, claramente evidenciado pelo tipo de divulgação levada a

cabo, sobretudo em ambiente televisivo¹², confunde-se muitas vezes aspectos reconstitutos com experimentais. Ambos são importantes, mas necessariamente distintos. Com base nas definições dos autores já tratados ao longo deste texto, definimos a Arqueologia experimental como um domínio que tem por único objectivo contribuir para a resolução de um determinado “problema arqueológico”. A recriação dependerá sempre da confirmação das hipóteses formuladas pelo investigador em função dos dados disponíveis. Um autor em particular defende que o resultado extremo da apresentação do passado, concretamente no que diz respeito à autenticidade das interpretações, poderá dar azo a um relativismo grátis (KING, 2008).

Uma parte importante das reconstituições nem sequer cabe nos desígnios da Arqueologia propriamente dita, mas sim da História. As recriações que pretendem retratar períodos da Idade Média ou Moderna, por exemplo, servem-se praticamente (salvo um caso ou outro, em que tal é feito com base em experimentações rigorosas) de documentos escritos, os quais acabam por aumentar o rigor de uma qualquer caracterização.

O continente europeu, sobretudo, representa bem o papel da investigação experimental em Arqueologia, mas também o crescente número de recriações históricas. Num extremo oposto elas representam um *hobby*, a partir do qual os intervenientes se esmeram por demonstrar uma atmosfera específica e simultaneamente “romântica”. Em muitos casos acontecimentos ocorridos no passado contribuem para tal entusiasmo, resultando em interessantes recriações comemorativas¹³.

De facto, parece que reinventar as narrativas históricas como um paliativo para fazer face aos interesses ou sensibilidades contemporâneas, é uma criação do século 20. A multiplicidade de espaços e tempos que pretendem recriar o passado parece metamorfosar-se. A obsessão para com a memória deve-se, segundo Huyssen (2004:101), a uma indústria cultural da memória. E a “ideia de tornar memoráveis as marcas identitárias de uma sociedade, de uma comunidade de uma pessoa ou de um objecto impõem-se porque o tempo é irreversível” (SAMPAIO, n.p.). A consciência de tal irreversibilidade impõe-nos o caminho não apenas da mera preservação ou “cristalização” das memórias, mas sim de uma incorporação dimensional com todos os ingredientes que possam despertar uma experiência espontânea. Do ponto de vista do acesso à informação, este poderia ser o paradigma ideal: mais benefícios pedagógicos e um excelente veículo para traduzir a pesquisa arqueológica num formato acessível para o grande público. Mas não será um caminho demasiado fácil ao ponto de banalizar os conteúdos que se pretendem mostrar? Quais os limites e pretensões para (re)interpretar o passado?

¹³ Refira-se a título de exemplo a recriação histórica do Cerco de Almeida, em Portugal, e as batalhas da guerra civil ocorridas em Inglaterra no século XVII.

Conclusão

Desde os trabalhos meramente replicativos levados a cabo a partir dos finais do século XIX essencialmente no continente europeu, até aos projectos de grande envergadura contextualizados por um bom punhado de domínios auxiliares específicos, não podemos afirmar que muito trabalho foi feito. Na verdade, a história das experimentações e das recriações vem do tempo da própria Arqueologia, não tendo, porém, para estas, conseguido criar-se um código deontológico rigoroso.

Em relação ao tema da subjectividade inerente às interpretações e reconstruções, quer históricas, quer arqueológicas, devemos concluir que são actos que têm de ter lugar dentro de uma consciência geral de que a nossa perspectiva do passado é profundamente distorcida. Está mergulhada num caldo de convenções de vária ordem (sejam de carácter político, religioso ou social), que barrará a construção de um qualquer quadro na totalidade dos seus factos ou gestos.

Partindo de todas as questões apresentadas e focando a ideia de que apesar do que posamos introduzir na história de um objecto, essa história é contada por nós e a imagem que fazemos dela não pode passar de um estádio estático, passado. Podemos sim, questionar a natureza multidimensional dos restos do passado, e desta forma, redimensionar as percepções, por vezes mal sustentadas, de determinados acontecimentos.

Numa outra perspectiva, a da divulgação dos dados históricos ou arqueológicos, através de recriações com carácter revivalista e heurístico, interessa reflectir sobre quais as implicações que a denominada “saturação mediática” ou “passado descartável” poderão ter não só nas recriações, como, de uma forma geral, na forma como se “expõe o passado”. Mas é certo que “objecto arqueológico/histórico”, “intérprete”, e “audiência moderna” são cada vez mais peças fundamentais no novo paradigma da apresentação do passado. A Arqueologia experimental poderá constituir, através da contrastação científica, uma excelente fonte de conhecimento acrescido para o estudo do passado, sendo que a forma mais prática e acessível de o divulgar parece ser, cada vez mais, a recreação. O carácter pedagógico e recreativo é importante, mas o seu desenvolvimento deverá ocorrer de forma reflectida e sempre ancorado em aspectos de natureza científica.

Bibliografia

- ASCHER, R. (1970) - Cues 1: design and construction of an experimental archaeological structure. In: *American Antiquity* (Washington) 35, 2: pp. 215-216
- ASHER, R. (1961) – Experimental archaeology. In *American Anthropologist* (Menasha) 63, 4: pp. 793-816
- BACHELARD, G. (1994) – A psicanálise do fogo. São Paulo: Martins Fontes, 1ª edição.
- BARTON, R.; BERGMAN, C. (1982) - Hunters at Hengisbury; some evidence from experimental archaeology. *World Archaeology* 14(2); 237-48
- GASTON B. (2004) - Ensaio sobre o conhecimento aproximado. São Paulo: Contraponto, p. 307
- BELL, M.; FLOWER, P. J.; HILLSON, S. (1996) - The Experimental Earthwork: 1962-90. York: Council for British Archaeology, pp. 1-259.
- BENJAMIN, W. (1995) – Rua de sentido único e infância em Berlim por volta de 1900. Lisboa: Relógio D'água. p. 1-201
- BLADES, J. (2001) - Lithophones. Entry in *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*, Macmillan:London.
- BROWN, S. (2000) - The 'musilanguage' model of music evolution. In Wallin, N.L., Merker, B. and Brown, S. (Eds.) *The origins of music*. MIT Press: Cambridge, Mass. Pp. 271-300.
- CALLAHAN E. (1999) – What is experimental archaeology? In WESCOTT, D. - *Primitive Technology: a book of earth skills*, pp. 1-222
- CATTANEO, C.; GELSTHORPE, K.; PHILLIPS, P.; HEDGES, R. (1993) - Blood residues on stone tools: indoor and outdoor experiments. *World Archaeology*, 25, 1: 29-43
- CHILCOTT, John H; DEETZ, James J. (1964) - The Construction and Uses of a Laboratory Archaeological Site. *American Antiquity* 29(3):328-337.
- CLOUGH, T.H. & CUMMINS, W.A. (ed.) (1979) - Stone Axe Studies: Archaeological, Petrological, Experimental and Ethnographic. Council for British Archaeology Research Report, n.º 23
- COLES, J (1973) – *Archaeology by Experiment*. London: Hutchinson & Co. Ltd
- COLES, J.; DARRAH, R. J. (1977) - Experimental Investigations in Hurdle-Making. *Somerset Levels Papers* 3, p.p. 32-38
- COLES, J.; ORME, B.J. (1977) - Neolithic Hurdles from Walton Heath, Somerset. *Somerset Levels Papers* 3, pp. 6-29
- CROSS, L. (1999) - Is music the most important thing we ever did? Music, development and evolution. In Suk Won Yi (Ed) *Music, mind and science*, Seoul National University Press: Seoul, 1999, pp.10-39
- DAMS, L. (1985) - Palaeolithic lithophones: descriptions and comparisons. *Oxford Journal of Archaeology*, 4(1), pp. 31-46
- D'ERRICO, F.; VILLA, P. (1997) - Holes and grooves: the contribution of microscopy and taphonomy to the problem of art origins. *Journal of Human Evolution*, 33(1), pp. 1-31

DISSANAYAKE, E. (2000) - Antecedents of the temporal arts in early mother-infant interaction. In Wallin, N.L. Merker, B. and Brown, S. (Eds.) *The origins of music*. MIT Press: Cambridge, Mass. Pp. 389-410

EDWARDS, B; ANDERSON, A. (2008) – Elegance in scholarship: modes of expression in archaeological dialogue. Durham University.
Benjamin Edwards (Durham University; bgedwards@durham.ac.uk) and Arthur Anderson (Durham University; arthur.anderson@durham.ac.uk)Disponível em: <http://www.tagconference.org/content/%25E2%2580%2598elegance-scholarship%25E2%2580%25A6%25E2%2580%2599-modes-expression-archaeological-dialogue&sa=X&oi=translate&resnum=1&ct=result&prev=/search%3Fq%3Dexperimental%2Barchaeology%2Bsubjectivity%26hl%3Dpt-PT>
Consultado em 20 de Setembro de 2008

FRAYER, D. W.; NICOLAY, C. (2000) - Fossil evidence for the origins of speech sounds. In Wallin, N.L., Merker, B. and Brown, S. (Eds.) *The origins of music*. MIT Press: Cambridge, Mass. pp. 217-234

GUILLAUME, M. (2003) – A política do Património. Porto: Campo das Letras, Coleção: Campo das Ciências, 11, pp. 9-150

HUYSSSEN, A. (2000) - Seduzidos pela memória. 2000. São Paulo: Aeroplano, p. 1-116
Disponível em: http://compare.buscapes.com.br/prod_ficha?idu=1858657915
Consultado em 17 de Junho de 2008

JORGE, Vítor Oliveira (2003) - A irrequietude das pedras: reflexões e experiências de um arqueólogo. Edições Afrontamento, Biblioteca das Ciências do Homem, *Arqueologia* 1, pp. 1-193.

JORGE, Vítor Oliveira (2003) – Fecundidade de uma perspectiva pragmática “inquietante” (no sentido de Boaventura Sousa Santos) em *Arqueologia*. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. Vol. I, pp. 4-545.

KING, R. (2008) - Presenting the Past: historicism and authenticity in multidisciplinary interpretations. University of Southampton
Disponível em: <http://www.tagconference.org/content/presenting-past-historicism-and-authenticity-multidisciplinary-interpretations>
Consultado em 21 de Setembro de 2008.

KUNEJ, D.; TURK, I. (2000) - New perspectives on the beginnings of music: archaeological and musicological analysis of a Middle Paleolithic bone ‘flute’. In Wallin, N.L., Merker, B. and Brown, S. (Eds.) *The origins of music*. MIT Press: Cambridge, Mass. pp. 234-268

LUCAS, G. (2007) – The unbearable lightness of Prehistory. *Archaeological reflections on material culture and time*. *Journal of Iberian Archaeology*, Vol. 9/10, Porto, ADECAP, pp. 5-317

MARCH, R. (1996): L’étude des structures de combustion préhistoriques: une approche interdisciplinaire”. In *The colloquia of the XII International Congress of Prehistoric and protohistoric Sciences*. Section 5, Colloquium IX. Forlì, pp. 251-275

MAYOR, S. (2003) – Estudio de las estructuras de combustión Prehistóricas: una propuesta experimental. Diputación Provincial de Valencia. Servicio de Investigación (série de trabajos vários), n.º 102, pp. 1-163

MITHEN, S. (2005) - A review of *The Singing Neanderthals: The Origins of Music, Language, Mind and Body*. London: Weidenfeld and Nicolson, p.374

MILLER, G. F. (2000) - Evolution of human music through sexual selection. In N. L. Wallin, B. Merker, & S. Brown (Eds.), *The origins of music*, MIT Press, pp. 329-360

MILLSON, D. (2008) - Replication and Interpretation: The Use of Experimental Archaeology in the Study of the Past. experimental
Dana CE Millson (University of Durham; dcmillson@dur.ac.uk) University of Durham
Disponível em: <http://www.tagconference.org/content/replication-and-interpretation-use-experimental-archaeology-study-past>
Consultado em: 15 de Setembro de 2008

RUSSEL, I. (2007) – Objects and agency: some obstacles and opportunities of modernity. In JORGE, V. O. e Thomas J. (Eds.) Overcoming the modern invention of material culture. Vol. 9/10, Porto, ADECAP, pp. 5-317

SAMPAIO, J. D. (n.p.) – Museu: espelho sentimental de uma sociedade apressada. *Revista Oppidum*

SARAYDAR, S. C.; SHIMADA, I. (1973) - Experimental Archaeology: A New Outlook. Washington *American Antiquity* 38: pp. 344–350

SPURREL, F. C. J. (1884) - On some palaeolithic knapping tools and modes of using them. *Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland* 13: p.p. 109-118.

STONE, P.; PLANEL, P. (1999) – The constructed past. Experimental archaeology, education and the public. *Outledge: One World Archaeology Series*, 36.

ZUBROW, E.; COWAN, F. (2002) - Musical behaviours and the archaeological record: a preliminary study. In J. Mathieu (Ed.), *Experimental Archaeology. British Archaeological Reports International Series 1035*, pp. 25-34

ZELKOWITZ, M.; WALLACE, D. (1988) - Experimental models for validating technology. *Computing Practices*, pp. 23-31
Edição eletrônica disponível em: www. (consultado a 10 de Janeiro de 2008).

ZUBROW, E.; CROSS, I.; COWAN, F. (2001) - Musical behaviour and the archaeology of the mind. *Archaeologia Polona*, 39, pp. 111-126